

Em defesa de uma pedagogia queer: re-imaginando corpos, gêneros e sexualidades no espaço escolar

Dilton Ribeiro Couto Junior¹
Maria Luiza Magalhães Bastos Oswald²

Resumo

O objetivo do texto é discutir a necessidade de *queerizar* os processos de ensinar e aprender no espaço escolar através da re-imaginação dos corpos, gêneros e sexualidades. Para isso, a fundamentação teórica adotada encontra-se principalmente ancorada na contribuição de autores que investigam através da perspectiva *queer*. Essa fundamentação teórica orientou a análise de duas conversas realizadas no Facebook com um grupo de jovens que não se identificam com a heterossexualidade. Com isso, enfatizou-se a construção de críticas à heteronormatividade através da articulação entre a pedagogia e a teoria *queer* com a intenção de defender as múltiplas e variadas formas de se constituir humano para além do regime heterocentrado.

Palavras-chave: Corpo, Gênero, Sexualidade, Heteronormatividade, Pedagogia *queer*

In defense of a queer pedagogy: re-imagining bodies, genders and sexualities in school space

Abstract

The aim of the text is to discuss the need to queerize processes of teaching and learning at school through the re-imagination of bodies, genders and sexualities. The theoretical framework adopted is mainly based on the contributions of authors who investigate through the queer perspective. This theoretical framework guided the analysis of two conversations held on Facebook with a group of young people who do not identify with heterosexuality. Thereby, it was emphasized the construction of critiques on heteronormativity by articulating pedagogy and queer theory with the intention of defending multiple and varied ways to constituted oneself as a subject beyond the heterocentered regime.

Keywords: Body, Gender, Sexuality, Heteronormativity, Queer pedagogy

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ProPEd/UERJ). Membro do Grupo de Pesquisa Infância, Juventude, Educação e Cultura (IJEC).

² Professora da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ProPEd/UERJ). Líder do Grupo de Pesquisa Infância, Juventude, Educação e Cultura (IJEC). Coordenadora do Projeto Educação e contemporaneidade: crianças, jovens e redes educativas.

| | | | | |
|---------|--------|------------|------------|----------------|
| Textura | Canoas | v. 18 n.38 | p. 123-142 | set./dez. 2016 |
|---------|--------|------------|------------|----------------|

INTRODUÇÃO

Em um dos meus textos feministas prediletos de todos os tempos, o drama épico animado *A fuga das galinhas*, a ave politicamente ativa e explicitamente feminista, Ginger, se opõe em sua luta para inspirar as galinhas a se sublevarem por outros dois “sujeitos feministas”. Um é a cínica Bunty, uma lutadora de nariz duro que rejeita sonhos utópicos à mão, mas a outra é Babs, dublada por Jane Horrocks, que algumas vezes dá voz a uma ingenuidade feminina e, em outros momentos, aponta o absurdo do terreno político como ele tem sido delineado pela ativista Ginger. Ginger diz, por exemplo, “ou morremos como galinha frita ou morreremos tentando”. Babs pergunta ingenuamente: “Estas são as únicas opções?”. Como Babs, quero recusar as opções oferecidas [...]. Esta é uma forma de feminismo queer preocupado com a negatividade e a negação. (HALBERSTAM, 2012, p. 129, grifos da autora).

As palavras de Halberstam acima são significativas neste trabalho porque focalizam a reflexão pela construção de diferentes estratégias de resistência através da necessidade de rever as relações de poder implicadas no ato de manifestar-se politicamente. Almejamos, assim como Babs, não pela mera escolha de “ser frito” ou “morrer tentando”, mas entender “por que se frita”, “quem frita quem” e como desestabilizar as relações de poder responsáveis pelo ato de “fritar”. No trabalho com os corpos, gêneros e sexualidades, quando as estratégias de resistência parecerem pouco atraentes, é preciso nos lançar ao desafio de encontrar outras brechas e formas de transgredir as práticas e discursos sociais já instaurados e naturalizados e que mantém intacta uma concepção de mundo sintonizada com a ótica heteronormativa. A nosso ver, isso significa assumir, no campo educacional, o compromisso ético-político de contribuir com a produção de reflexões identificadas com outras formas de pensar e compreender o mundo.

Este texto, fruto de pesquisa de doutorado em andamento, discute a necessidade de *queerizar* os processos de ensinar e aprender no espaço escolar através da re-imaginação dos corpos, gêneros e sexualidades. Enfatizamos, assim, a articulação entre a pedagogia e a teoria *queer* com a intenção de pensar processos educacionais que formulem críticas à heteronormatividade. A *queerização* a que nos referimos aqui é baseada nos princípios teóricos da perspectiva *queer* que assume “a recusa dos valores morais violentos que instituem e fazem valer a linha da abjeção, essa fronteira rígida [...] [que separa] os que são socialmente aceitos e os que são relegados à humilhação e

ao desprezo coletivo” (MISKOLCI, 2013, p. 25). Articular a teoria *queer*³ à pedagogia é um dos caminhos que vimos defendendo em resposta aos contextos socioculturais que ainda insistem em menosprezar e silenciar todos aqueles que não se identificam com a heterossexualidade.

Na perspectiva de Libâneo (2010), a pedagogia é “o campo do conhecimento que se ocupa do estudo sistemático da educação, isto é, do ato educativo, da prática educativa concreta que se realiza na sociedade como um dos ingredientes básicos da configuração da atividade humana” (p. 30). Dessa forma, uma pedagogia inspirada na teoria *queer* se ocuparia do ato educativo, questionando as já reconhecidas e legitimadas configurações sociais baseadas nas ideologias heterossexistas, bem como denunciando as experiências da abjeção na intenção de colocar em xeque o regime heterocentrado. Esse regime impõe a superioridade de um modelo heterossexual que privilegia a relação monogâmica com fins reprodutivos, colocando à margem social os sujeitos que buscam outras formas de existência.

Articular a pedagogia à perspectiva *queer* se faz urgente diante da necessidade de se colocar em funcionamento estratégias de enfrentamento ao sistema heterocentrado, cuja imposição de ideais e valores heteronormativos são insuficientes para abarcar as possibilidades de (re)invenção dos corpos, gêneros e sexualidades. Uma pedagogia *queer* requer dar visibilidade à construção histórica e cultural das normas e convenções sociais, propiciando que possamos nos despir de pensamentos discriminatórios e preconceituosos na medida em que nos libertamos das garras normativas produzidas pelo sistema heterocentrado. Uma pedagogia inspirada na ótica *queer* compreende “a identidade em termos políticos e não ‘sexuais’ unificando [práticas sociais de] resistência e oposição aos regimes de normalização” (MISKOLCI, 2011, p. 57). Além disso, uma pedagogia *queer* requer vontade por parte dos profissionais do campo da educação para buscar, em seus próprios espaços de trabalho, (re)pensar teorias e métodos capazes de transgredir⁴ as normas sociais que alimentam a imposição das regulações sociais sintonizadas com a heteronormatividade.

Em sua obra, Louro (2013) discute alguns dos desafios encontrados no desenvolvimento de atividades de pesquisa e docência envolvendo a temática

3 Não é nossa intenção neste trabalho detalhar a emergência e a consolidação da teoria *queer* no campo de estudos de gênero e sexualidade. Para isso, ver Miskolci (2009), Louro (2001) e Couto Junior (2016).

4 Transgredir significa resistir ao poder (CÉSAR, 2010).

“gênero e sexualidade” com um grupo de educadores. Ainda que ficasse claro o interesse desses profissionais pelas questões da sexualidade, a autora ressalta que havia certo receio para se debater a homossexualidade, cujas reflexões dirigidas à pesquisadora eram “fundamentalmente e na sua mais expressa maioria, para descobrir a ‘causa’ desse ‘problema’ e para corrigi-lo” (p. 58). Dessa forma, uma pedagogia à luz da teoria *queer* poderia ser potente para ressignificar a ideia de que a homossexualidade, muitas vezes percebida pelo seu caráter patológico, é a sexualidade que “desvia” da heterossexualidade. Essa pedagogia promoveria reflexões para abalar as normas e convenções culturais responsáveis pela desqualificação de determinados sujeitos, colocando em discussão a legitimidade dos múltiplos e variados estilos de vida.

Ao não se trabalhar a temática “gênero e sexualidade”, principalmente nos cursos de formação de professores, é perdida a oportunidade para se explorar estratégias de enfrentamento à heteronormatividade nas práticas educacionais. A pedagogia *queer* defendida aqui não deveria ficar restrita às disciplinas, minicursos ou *workshops* que enfatizem questões de gênero e sexualidade, mas serviria de pano de fundo teórico para se (re)pensar a própria dimensão da existência humana diante das normas regulatórias do gênero/sexo, da produção da diferença, das marcas da abjeção e da pauta de luta do movimento feminista, para citar alguns. Diante do exposto, defendemos a importância de se articular a teoria *queer* ao campo da educação em resposta à intolerância social vivenciada por todas as pessoas que integram as chamadas “minorias⁵” sociais.

As questões de gênero e sexualidade apresentadas ao longo deste trabalho encontram-se principalmente ancoradas na contribuição de autores que adotam a teoria *queer* em suas investigações, como César (2012), Warner (1999), Preciado (2014), Miskolci (2010, 2013), Britzman (1995, 1996, 2010) e Louro (2001). Essa fundamentação teórica orientou a análise de duas conversas realizadas numa comunidade *online*⁶ do Facebook com um grupo de jovens que vêm participando do trabalho de campo da pesquisa de doutorado. Estudantes de uma universidade pública da cidade do Rio de Janeiro, esses jovens não se identificam com o modelo da heterossexualidade e elegeram o

5 O termo “minorias” não é utilizado com a intenção de inferir uma quantidade numérica, mas para ressaltar um valor qualitativo atribuído a determinados grupos de indivíduos (LOURO, 2008).

6 O primeiro autor deste texto integra essa comunidade e vem conduzindo a pesquisa de campo no Facebook.

Facebook como espaço de sociabilidade para fortalecer os vínculos sociais e afetivos e produzir subjetividades mais livres das garras normativas. Utilizamos nomes fictícios, escolhidos pelos próprios participantes da pesquisa, para que suas respectivas identidades fossem preservadas.

Adotar as conversas *online* como procedimento metodológico da investigação trouxe a oportunidade para que pesquisador e sujeitos compartilhassem suas próprias experiências, imprescindíveis para produzir um sentido coletivo de cumplicidade e respeito com o outro. Ao privilegiarmos uma relação dialógica e de alteridade na pesquisa, “aquilo que fazemos de nós mesmos é renovado/transformado a cada vez que engolimos novos pedaços de mundo: hibridamos e intensificamos forças compostas em platôs de intensidade” (GIVIGI, 2015, s/p). Afetar e se deixar afetar através da interação com os sujeitos vêm se constituindo uma prática desta pesquisa, atenta às formas colaborativas de se produzir conhecimento com o outro, e não sobre o outro.

O envolvimento com os jovens no trabalho de campo desencadeou narrativas que evidenciaram o engajamento dos sujeitos na denúncia de diversas práticas sociais homofóbicas, possibilitando (re)pensar inúmeras trajetórias educacionais marcadas por situações de autoritarismo e violência. Essas narrativas também buscaram o compromisso ético e político de produzir reflexões que começassem “a transformar a realidade vivenciada por aquelas e aqueles que viveram um longo e doloroso conflito com os objetivos educacionais. Sobreviventes das tecnologias sociais que buscam enquadrar cada um em uma identidade, adequar cada corpo a um único gênero” (MISKOLCI, 2013, p. 11). Frente às situações de violência sofridas cotidianamente pelas pessoas que não se identificam com a heterossexualidade, é importante questionar as normas regulatórias de gênero (re)produzidas nos cotidianos escolares, que reforçam a naturalização e normatização do já legitimado e reconhecido regime heterocentrado.

“FALAR [DE MASTURBAÇÃO] ATÉ NÃO É O PROBLEMA... O PROBLEMA É SE OS PAIS QUEREM QUE OS FILHOS OUÇAM”

Ao compartilhar uma imagem com os dizeres “*Em algum lugar, alguém, algumas vezes se masturba pensando em você*”⁷, a postagem de Nectar⁸ no

⁷ Tradução de: “Somewhere, someone, sometimes masturbates thinking of you”.

⁸ Nectar foi o nome escolhido por um dos sujeitos da investigação. Conforme anteriormente mencionado, as conversas online analisadas neste texto foram realizadas com sujeitos que

Facebook desencadeou uma discussão importante sobre um tema que é pouco discutido entre os sujeitos da pesquisa: a masturbação. Isso não significa que essa seja uma prática ausente do cotidiano deles, pelo contrário, conforme é possível perceber na conversa *online* a seguir. O fato de muitas vezes a masturbação ser percebida como um “tabu” e pertencer à esfera da vida privada poderiam se constituir em prováveis motivos da ausência desse tema no decorrer do trabalho de campo. No entanto, possivelmente em função da comunicação livre e plural desenvolvida no Facebook, não só esse tema surgiu a partir da postagem de *Nectar*, como ao longo da conversa enfatizou-se a necessidade de pensar o espaço da escola como propício à discussão sobre sexo.

Pesquisador⁹: já pararam para pensar que todas essas postagens de vocês rendem questões muito legais a serem discutidas com os alunos em sala de aula? Fico pensando em quem está fazendo ou tem interesse pela licenciatura. Acho que essa história de "abelhinha" que encontra a "florzinha" não tá com nada! e aí, quem se atreve a falar de "masturbação"?!
Nectar: falar [de masturbação] até não é o problema... o problema é se os pais querem que os filhos ouçam rrsr
Renato: Cara, acho que o assunto tem que ser tratado com naturalidade, sabe? Às vezes a gente pensa muito nos pais e acaba fazendo tempestade em copo d'água. Masturbação é parte importante do descobrimento da sexualidade e do resto da vida sexual... Acho que o tabu não é tão grande quanto parece.

Pesquisador: Maravilha, Renato! eu concordo que é preciso naturalidade para se trabalhar esses conhecimentos na escola.
Renato: se a gente se guiar por aquilo que alguns pais acham tabu, não vamos ensinar nem evolução na escola. Isso foi algo do qual eu sempre senti falta na escola... Sempre que se fala sobre sexualidade, é sobre prevenir DSTs¹⁰ e gravidez indesejada. São assuntos muito importantes, mas sexualidade não é só isso.
Pesquisador: Esses temas que você traz da época da escola são alguns dos temas mais recorrentes mesmo. DSTs e gravidez? tem muita coisa faltando ai ne?! rrsr se a gente pensar na relação homoafetiva, fica faltando um "mundo" para ser trabalhado na sala de aula.

Roberto: As didáticas atuais das instituições (quando há, porque eu, por exemplo, não tive) investem na abstinência, tanto que temos desde apelos médicos (visualização extrema das DSTs

escolheram seus próprios nomes fictícios. Essa estratégia permitiu que suas respectivas identidades fossem preservadas.

9 Doutorando, autor da pesquisa que inspira esse artigo.

10 Doenças sexualmente transmissíveis.

como fim do mundo) até mesmo apelos religiosos (tornando masturbação como pecado). Na minha opinião, as instituições seriam mais concretas se falassem sobre simplesmente sexo. Nós, humanos, fazemos sexo também por prazer e não apenas por reprodução. [...] não adianta nada você explicar sobre DST e gravidez se você não explica pra pessoa do que somos constituídos sexualmente. É importante ressaltar que humanos reproduzem, mas também, simplesmente, trocam formas diversas de prazer...

Pesquisador: [...] A instituição familiar é responsável pela criação de inúmeras normas que são ensinadas aos filhos desde muito cedo. É um desafio enorme problematizar questões de gênero e sexualidade quando a gente tem em mente que a escola é apenas UMA dentre as INÚMERAS instituições sociais (muitas vezes conservadoras) frequentadas pelas crianças e jovens diariamente...

Roberto: Eu acho que uma boa forma de começar a trabalhar o tema na escola seria com reuniões com os responsáveis, para eles verem pessoalmente que conversar sobre sexo (com alguém preparado para fazer isso) não é esse bicho de sete cabeças. Uma reunião em que os pais podem (e devem) participar, podem (e devem) discordar ou concordar do que os professores disserem [...]. Contatos assim não podem ser forçados, pelo contrário...

Pesquisador: Perfeito, querido.

O tema da masturbação, assim como tantos outros ligados às questões da sexualidade, geralmente permanecem fora da pauta pedagógica. Se é verdade que, segundo *Nectar*, “falar [de masturbação] até não é o problema... o problema é se os pais querem que os filhos ouçam”, parece que o que está em jogo é a necessidade de compreender o que há por trás da obsessão das famílias e das práticas pedagógicas de focalizar a cognição na educação, (super)valorizando a mente, deixando de lado, na maior parte das vezes, a forma como os sujeitos fabricam seus corpos, gêneros e sexualidades. Parece importante abriremos brechas para a discussão dessas questões com os estudantes na escola, já que sua presença nos diversos meios de comunicação lhes permite ter “acesso ao que os pais fazem, ou estão passíveis de fazer, mas escondem deles, desmascarando uma prática que pode ser considerada hipócrita em uma sociedade na qual a ordem é mostrar tudo. O sexo, obviamente se inclui entre essas coisas” (SOARES; MAIA, 2010, p. 86). Cabe aqui questionar o motivo pelo qual a sexualidade ainda é tema pouco explorado na sala de aula numa época em que as juventudes contemporâneas cada vez mais participam das experiências sociais engendradas pelas redes sociais da internet (COUTO JUNIOR, 2013; FERREIRA, 2014), propiciando que aprendam de forma colaborativa sobre os mais variados assuntos

relacionados à sexualidade (orgasmo, masturbação, dentre inúmeras outras práticas sexuais). Renato ressalta ainda que “*Sempre que se fala sobre sexualidade [na escola], é sobre prevenir DSTs e gravidez indesejada. São assuntos muuuuuuito importantes, mas sexualidade não é só isso*”. Neste sentido, caberia ampliar os conhecimentos sobre os corpos, os gêneros e as sexualidades no espaço escolar mesmo diante das possíveis dificuldades de se abordar na prática pedagógica reflexões que vão além da prevenção das DSTs e da gravidez indesejada.

Concordamos com Seffner (2011), para quem uma das dificuldades de se falar sobre sexo na escola é devido ao fato de cada estudante pertencer a uma família com seus próprios valores morais e com formas específicas de compreender o papel das práticas pedagógicas no trabalho com gênero e sexualidade na sala de aula. Entretanto, essa dificuldade não deveria ser motivo para que permaneçamos na inércia quando há possibilidades para buscarmos caminhos metodológicos que promovam reflexões como, por exemplo, a apresentação e discussão de um panorama histórico acerca de como “o sexo e as práticas sexuais se constituíram como parte do dispositivo da sexualidade, estabelecido como uma rede de saberes-poderes atuando sobre os corpos e populações e produzindo normatizações e normalizações de modos de vida” (CÉSAR; DUARTE; SIERRA, 2013, p. 195). A análise histórica como caminho investigativo é sugerida por Foucault (1997), para quem “é sempre útil entender a contingência histórica das coisas, para ver como e por que as coisas se tornaram do jeito que são¹¹” (p. 154).

Resgatar, através da história, a forma como os processos normativos vêm inserindo, espacial e temporalmente, determinados sujeitos na condição de seres abjetos, poderia se constituir uma possibilidade pedagógica, na perspectiva da pedagogia *queer*. Para isso, há obras que poderiam ser importantes aos professores, seja em sua formação inicial, seja na continuada. Como é o caso do livro “História da sexualidade I: a vontade de saber”, de Michel Foucault. César (2012) aponta, referindo-se a essa obra, que o pesquisador francês “demonstrou demarcações em torno das práticas sexuais, além de um controle rígido, gerado por saberes institucionalizados, como a medicina, a psiquiatria, a pedagogia e psicologia” (p. 356). Ou do livro de Beatriz Preciado, “Manifesto transsexual: práticas subversivas de identidade sexual”, no qual a autora também apresenta um breve panorama histórico

¹¹ Tradução de: “It is always useful to understand the historical contingency of things, to see how and why things got to be as they are” (FOUCAULT, 1997, p. 154).

sobre os processos (hetero)normativos através da análise dos conhecimentos produzidos sobre o sexo pelas diversas áreas do saber. No caso da medicina, Preciado (2014) relata que no século XVIII esta área reconheceu a masturbação como uma patologia, um ato de “abusar de si próprio” que gerava “desperdício desnecessário da energia corporal” (p. 101) pois não era voltada para fins de procriação (homem/pênis ↔ mulher/vagina). Outro autor que faz menção à história da heterossexualidade é Michael Warner (1999). No livro “The trouble with normal: sex, politics, and the ethics of queer life”, o pesquisador traz as regulações e vigilâncias engendradas pelas normas do sexo e gênero e afirma que “vivemos com normas sexuais que sobrevivem da Idade da Pedra, incluindo proibições contra o autoerotismo, sodomia, sexo extraconjugal, e (para aqueles que ainda levam o Vaticano a sério) controle de natalidade¹²” (WARNER, 1999, p. 5). A competência com que Foucault, Preciado e Warner refletem sobre a historicidade das inúmeras proibições sexuais ao longo dos séculos mostra o quanto ainda precisamos caminhar para desnaturalizar o caráter negativo e patológico das condutas e práticas sexuais que não apresentam como intenção principal fins reprodutivos.

A nosso ver, ao restringir a sexualidade às questões relativas à gravidez e prevenção de DSTs, a escola mantém intacta uma concepção de mundo voltada para a naturalização do regime heterocentrado. A legitimação e normatização da procriação requer que nós, enquanto educadores, realizemos ações pedagógicas capazes de desestabilizar discursos que ainda insistem em privilegiar *unicamente* a relação sexual envolvendo pênis ↔ vagina. Essa preocupação também se faz presente nas perguntas de Miskolci (2010): “Por que as práticas sexuais que não têm como fim o casamento e a reprodução devem permanecer nas sombras do silêncio? Por que a sexualidade deve seguir um modelo único?” (p. 13). Com base nesses questionamentos, defendemos uma prática pedagógica que rompe com o silêncio ao dar visibilidade aos diversos estilos de vida e ao questionar o caráter normativo da heterossexualidade. Miskolci (2010) pontua que as questões por ele formuladas “não podem ser ignoradas e cabe ao educador aproveitar a oportunidade para trazer à discussão as diversas formas segundo as quais os sujeitos vivem sua afetividade e sua vida sexual” (p. 13). Argumento que coincide com a fala do pesquisador que, na conversa *online* com o grupo do

¹² Tradução de: “we live with sexual norms that survive from the Stone Age, including prohibitions against autoeroticism, sodomy, extramarital sex, and (for those who still take the Vatican seriously) birth control” (WARNER, 1999, p. 5).

Facebook, diz que “*se a gente pensar na relação homoafetiva, fica faltando um ‘mundo’ para ser trabalhado na sala de aula*”.

Tendo em vista a importância que conferimos à pedagogia *queer*, vale argumentar que é difícil compreender e aceitar que no campo da educação o conhecimento que se produz sobre gênero e sexualidade priorize a ótica biológica, ao contrário de outros campos do conhecimento que se debruçam sobre esse tema também sob outras óticas, como é o caso da história, da antropologia, da psicanálise, entre outros. Sobre isso, Ribeiro e Souza (2003) argumentam que “nas práticas escolares [de professoras das séries iniciais do Ensino Fundamental], a sexualidade tem se configurado como um dispositivo que vem atuando especialmente através das informações, descrições, prescrições e categorizações dos campos biológico e da saúde” (p. 73). Ribeiro, Souza e Souza (2004) reiteram a autoridade do discurso científico da biologia na prática pedagógica das professoras do mesmo segmento: “pode-se falar nela [sexualidade], mas através do discurso biológico; pode-se olhar o corpo, mas desprovido de sexo” (p. 115). Enquanto a ênfase sobre as questões voltadas para a sexualidade ficarem restritas ao campo da biologia e da saúde, perde-se a oportunidade para explorar com os estudantes outros caminhos discursivos capazes de resistir às práticas sociais sintonizadas com a heteronormatividade.

Uma vez que “o conceito de sexualidade que pertence a nossa história nasceu como a justa medida de separação entre normalidade e anormalidade” (CÉSAR; DUARTE; SIERRA, 2013, p. 195), acreditamos ser imprescindível a promoção de ações pedagógicas no questionamento à produção da (a)normalidade no contexto das relações de poder. Conforme a fala de Roberto, isso requer a realização de “*reuniões com os responsáveis, para eles verem pessoalmente que conversar sobre sexo (com alguém preparado para fazer isso, por isso é bom preparar o licenciando) não é esse bicho de sete cabeças. Uma reunião em que os pais podem (e devem) participar, podem (e devem) discordar ou concordar do que os instrutores disserem*”. Diante da complexidade de se trabalhar com a problematização da heteronormatividade em contextos educacionais, não podemos abrir mão da formulação de críticas à matriz heterossexual através da valorização de diversos pontos de vista produzidos com os estudantes e suas famílias em prol da defesa de se “pensar o impensável”¹³ (BRITZMAN, 1995, p. 155).

¹³ Tradução de: “thinking the unthought” (BRITZMAN, 1995, p. 155).

A apropriação da perspectiva *queer* poderia nos proporcionar formas de “considerar o impensável, o que é proibido pensar, em vez de simplesmente considerar o pensável, o que é permitido pensar” (SILVA, 2010, p. 107). Esse pensamento abre possibilidades de ressignificar o lugar ocupado pelas sexualidades nas escolas, ao mesmo tempo em que nos convida a refletir sobre o porquê do sexo ainda ser percebido como um “*bicho de sete cabeças*”. Ao colocarmos os processos normativos em pauta, parece importante criar um ambiente favorável para que os estudantes e suas famílias sintam-se livres para expressarem-se. Isso não significa “julgar” ou “proteger” aqueles que concordam com os valores heteronormativos, mas favorecer uma atmosfera dialógica que propicie o questionamento e a interação entre todos (LARSSON; QUENNERSTEDTB; ÖHMANB, 2014). Uma pedagogia de inspiração *queer* não se limita a um único olhar sobre a temática “gênero e sexualidade”, mas oferece inúmeras perspectivas reflexivas para se compreender a fabricação dos corpos, gêneros e sexualidades. De acordo com Pocahy e Dornelles (2010), é preciso atentarmos para a ideia de que “nós nos produzimos como sujeitos reconhecidos socialmente não pela materialidade inegável de nosso corpo, mas pela materialidade discursiva desse corpo” (p. 127).

Endossamos as palavras de Roberto na conversa *online*, defendendo que “*somos constituídos sexualmente*”. Dito isso, na esperança de questionar os discursos normalizadores que “pretendem ditar e restringir as formas de viver e de ser” (LOURO, 2001, p. 551), julgamos importante uma maior ênfase na promoção de discussões, no espaço educacional, em torno das construções socioculturais do corpo, do gênero e do sexo.

“POR ISSO QUE EU VENHO ESCRREVENDO, ESTUDANDO E CONVERSANDO COM VOCÊS DO GRUPO, TENTANDO PENSAR UMA PEDAGOGIA ‘DESENCAIXANTE’”

A conversa *online* desenvolvida com Polobio no trabalho de campo, ao abarcar problematizações em torno de práticas sociais sintonizadas com a perspectiva heteronormativa, nos auxiliou no desafio de pensar uma pedagogia “desencaixante”:

Polobio: No discurso de formatura do terceiro [ano do Ensino Médio], eu e meus amigos fomos chamados de "O Circo" da turma

Pesquisador: por que "o circo"?

Polobio: Tipo, eles leram isso pra um salão cheio de pai, mãe, vô, vó, madrinha, tio, periquito e papagaio! Hahah Pq a gente era

"bizarro" e não se encaixava no padrão deles. Tudo o que é bizarro, na ótica deles, vai pro circo ;)

Pesquisador: E qual foi a reação da sua família? O que a sua mãe achou disso tudo e de todas as coisas que você já contou para ela sobre a escola?

Polobio: Bom, a essa altura do campeonato, a gente só riu

Pesquisador: Eu perguntei isso pensando que a sua escola não é a ÚNICA do mundo rsrs mas muitos pais insistem em deixar o filho eternamente numa mesma escola

Polobio: Pq o nosso circo era muito mais legal do que as panelinhas deles..

Pesquisador: hahahahh e você já voltou à escola para dizer que acabou de passar para o doutorado?! para dar todos os beijinhos que puder no ombro¹⁴?! :D

Polobio: Hahahahha Não... Eles nem lembram mais quem eu sou. Tentei ir lá uns 2 anos atrás não quiseram me deixar entrar Ahhahaha

Pesquisador: foi fazer o que lá? Eu tive uma experiência parecida. Fui tentar estagiar na minha escola, exigencia do curso de pedagogia (estágio), e não me deixaram nem entrar para conversar com a coordenadora. Disseram que nao precisavam de estagiário rsrsrs Depois de mais de 10 anos estudando na mesma escola! :/

Polobio: Fui só visitar mesmo

Pesquisador: enfim. e a vida continua né? Eu comento algumas críticas sobre a minha escola com a minha mãe e geralmente ela toca no assunto de que “graças à sua escola, você está hoje na universidade”. Aí eu sempre fico me perguntando... sim, é verdade. Mas precisava ser desse jeito? Eu precisei ter passado por todas aquelas situações homofóbicas para conseguir uma boa aprovação no vestibular? Se continuarmos com escolas como a sua, querido, como você relatou (e como a minha tb), a gente precisa se "encaixar" ou vai sofrer, ne? E o "se encaixar" nem sempre é fácil. Precisa ser um "encaixe perfeito" ou então o bullying come solto! Por isso que eu venho escrevendo, estudando e conversando com vocês do grupo, tentando pensar uma pedagogia "desencaixante".

A partir dessa conversa, ressaltamos a necessidade de denunciar as práticas sociais que desqualificam determinados grupos de estudantes, como *Polobio* evidenciou acima ao contar que “*No discurso de formatura do terceiro [ano do Ensino Médio], eu e meus amigos fomos chamados de ‘O*

¹⁴ “Beijinho no ombro” é uma expressão que ganhou popularidade no país em 2013 em função do lançamento da música homônima interpretada pela cantora de *funk* Valesca Popozuda. No contexto da música, “beijinho no ombro” significa se colocar numa condição de superioridade em relação aos problemas ou a um grupo de pessoas.

Circo' da turma". O problema não é fazer parte do "circo", mas compreender o que significa ser integrante deste "circo" e quais as consequências sociais na escola quando alguns de seus membros são percebidos de forma negativa: "a gente era 'bizarro' e não se encaixava no padrão deles. Tudo o que é bizarro, na ótica deles, vai pro circo". Se os estudantes "bizarros" são negativamente marcados e colocados simbolicamente na condição de integrantes do "circo", percebemos a importância de se trabalhar na escola a promoção de estratégias que enfraqueçam a força da heterossexualidade, ainda concebida como a referência de todas as identidades sexuais.

Pesquisando o cotidiano de uma escola da rede municipal de ensino do Rio de Janeiro, Leite (2012) presenciou inúmeros momentos em que os alunos identificados como homossexuais eram vítimas constantes de uma violência impregnada de deboche, repulsa e humilhação. Qual seria o papel dos professores frente às inúmeras formas de violência enfrentadas pelos alunos vistos como "bizarros" e "diferentes"? O que farão os alunos vítimas das diversas formas de violência quando os próprios professores optam pela não intervenção nas práticas escolares que legitimam e reforçam o preconceito e a discriminação?

Frente às "(obs)cenas" que procuramos trazer para esse texto, e a muitas outras que não cabem nos limites do mesmo, é que buscamos repensar a matriz das relações de gênero circunscrita no regime hegemônico da heterossexualidade, estabelecendo uma interação dialógica com jovens internautas para pensar numa pedagogia de inspiração *queer*, tendo em vista que escutar os jovens é escutar aqueles que têm capacidade para arejar o instituído. A "pedagogia 'desencaixante'" que defendemos não busca "aplicabilidade" às já existentes práticas educacionais do Ensino Básico e Superior. Desconfiamos dos manuais didáticos (receitas?) que descrevem (prescrevem?) sugestões de práticas de ensino, como se toda formação humana pudesse ser suficientemente amparada e pensada a partir desses documentos; conseqüentemente, não pretendemos que as reflexões aqui desenvolvidas sejam mecanicamente transpostas para a sala de aula. Veiga-Neto (2014) acredita ser fundamental o papel do pesquisador para trilhar caminhos que possibilitem a transformação do cenário sociocultural. Para isso, o autor defende que é preciso "perguntarmos e examinarmos como as coisas funcionam e acontecem e ensaiarmos alternativas para que elas venham a funcionar e acontecer de outras maneiras" (p. 19).

Não consideramos que nomear de “*queer*” ou “desencaixante” seja suficiente para investir a pedagogia de capacidade para superar preconceitos relativos à diversidade da fabricação de corpos, gêneros e sexualidades. Para tanto, seria necessário colocar em xeque o regime heterocentrado por intermédio de uma pedagogia que almeje a “afirmação absoluta da vida, [a] resistência do poder da vida contra o poder sobre a vida, [e a] resistência inabalável ao aniquilamento” (ABRAMOWICZ; RODRIGUES; CRUZ, 2011, p. 96). Na medida em que ampliamos os horizontes teóricos e colocamos em funcionamento o ato de pensar o impensável, ressignificamos com outros olhos os acontecimentos da vida e incorporamos ao campo da educação formas de promover as tão necessárias e urgentes estratégias de resistência à heteronormatividade.

Não foi nossa intenção nesse texto criticar escolas e professores. Reconhecemos o quanto tem sido difícil, especialmente no caso do Brasil, reagir a projetos de lei, de cunho homofóbico, que propõem coibir o ensino, nas escolas, daquilo que chamam de “ideologia de gênero” e outras formas de “ameaças à família”. Sabemos que, apesar desse contexto, já existem propostas e práticas pedagógicas imbuídas do intuito de promover reflexões acerca dos corpos, gêneros e sexualidades. Britzman (2010) considera que, “numa época em que pode não ser tão popular levantar questões sobre o cambiante conhecimento da sexualidade” (p. 109), é preciso disposição e coragem para que os professores desenvolvam suas próprias formas de explorar esse tema no espaço institucional. A autora aponta que as questões de gênero e sexualidade poderiam ser desenvolvidas no campo da educação através da literatura, do cinema e da música. Miskolci (2010) julga necessária a realização de atividades que envolvam, por exemplo, “a forma como as relações afetivas e sexuais são apresentadas em livros didáticos, jornais, revistas e filmes consumidos pelos estudantes” (p. 22). Peixoto (2013), inspirando-se na perspectiva *queer* em pesquisa realizada com crianças do Ensino Fundamental, defende que “os corpos não sejam mutilados no portão das escolas e que entrem completos e repletos de desejos e sexualidade nos cotidianos das escolas. O local da sexualidade na escola não pode ser o banheiro, ou a parte do pátio proibida para as crianças” (p. 217).

As propostas acima mencionadas colocam em xeque as perguntas a seguir formuladas na conversa *online*: “*precisava ser desse jeito? Eu precisei ter passado por tudo aquilo para conseguir uma boa aprovação no vestibular?*”. Isso porque, na pedagogia de inspiração *queer*, o que está em jogo não é simplesmente a necessidade de concluir o Ensino Médio para

buscar o acesso à universidade pública, mas fazê-lo em meio a um contexto pouco favorável para se viver livremente na condição de estudante que não se identificava com a heterossexualidade. Partindo de sua experiência com o campo da sociologia no contexto estadunidense, Seidman (1994), ressalta que no próprio âmbito universitário o “sexo/gay/pensamento *queer* são deixados de fora, os textos *queer* são ausentes, e a heterossexualidade normativa que organiza os textos clássicos e contemporâneos permanecem resguardados e incontestados¹⁵” (p. 172, grifos meus). O autor propõe a necessidade de *queerizar* o ensino e a sala de aula na tentativa de reverter a situação de incontestabilidade da heterossexualidade enquanto a sexualidade supostamente “natural” e “superior”.

POR UMA PEDAGOGIA *QUEER*: BREVES PALAVRAS FINAIS

Com o pensamento de Veiga-Neto (2014), prosseguimos com as reflexões finais deste texto. O autor argumenta que “se quisermos um mundo melhor, teremos de inventá-lo, já sabendo que conforme vamos nos deslocando para ele, ele vai mudando de lugar. À medida que nos movemos para o horizonte, novos horizontes vão surgindo, num processo infinito” (p. 26). Esse processo infinito diz respeito à necessidade de permanecermos na luta por uma caminhada que não pretende ser desanimadora, mas convidativa a outras formas de se pensar a prática pedagógica diante dos desafios exigidos do tempo presente. O envolvimento com cada passo dado na caminhada é fundamental para que as perguntas a serem enunciadas, bem como as respostas a serem oferecidas, estejam atentas às complexidades apresentadas pelos cotidianos educacionais.

Partindo da premissa de que o trabalho pedagógico não é dado *a priori*, mas construído processualmente na relação dialógica e alteritária *com* os nossos tantos outros, acreditamos no importante papel dos profissionais do campo da educação para explorar em sala de aula forças de resistência que exponham os limites e fragilidades da heteronormatividade. Não há trajetos pré-definidos que apontarão as direções a serem seguidas e construídas, mas seguimos com a certeza de que se faz necessária a formulação de novas reflexões capazes de gerar mudanças que dinamitem a crueldade discursiva imposta pela normatização e pela superioridade do modelo da

¹⁵ Tradução de: “sex/gay/queer thinking is left out, queer texts are absent, and the normative heterosexuality that organizes classic and contemporary texts remains unexposed and uncontested” (SEIDMAN, 1994, p. 172).

heterossexualidade sobre os demais estilos de vida. Com isso em mente, a parceria com os sujeitos da pesquisa através de uma relação dialógica e alteritária no Facebook vem sendo imprescindível na problematização da heteronormatividade.

As inúmeras reflexões promovidas com os jovens no Facebook certamente são profícuas para se pensar em “pedagogias que envolvam todas as pessoas e que possibilitem que haja menos discursos normalizadores dos corpos, dos gêneros, das relações sociais, da afetividade e do amor” (BRITZMAN, 1996, p. 93). Dessa forma, almejamos que professores e estudantes, apesar da barbárie do contexto político que prega a “cura gay”, possam promover uma pedagogia *queer* do afeto e do amor, responsável por incentivar todos os sujeitos a expressarem seus sentimentos e compartilharem suas próprias dores e alegrias. Para isso, a ótica *queer* é uma aliada importante no questionamento à regulação e vigilância dos corpos, gêneros e sexualidades, bem como na compreensão dos interesses por trás da manutenção dos privilégios heterossexuais.

Através da re-imaginação dos corpos, gêneros e sexualidades, defendemos que essa pedagogia tenha a oportunidade para discutir as múltiplas e variadas formas de se constituir humano para além do regime heterocentrado. Para isso, é preciso que os processos de ensinar e aprender estejam dispostos a discutir as regulações sociais que incidem diretamente sobre a produção das identidades sexuais e de gênero. Acreditamos que a promoção de uma pedagogia *queer* que convide todos os integrantes do espaço escolar a se engajarem na tarefa de reagir alteritariamente aos rótulos homofóbicos impostos aos sujeitos que não se identificam com a ótica da heterossexualidade pode auxiliar na problematização dos padrões culturais heteronormativos que concorram para a construção de uma sociedade sem exclusões e discriminações.

REFERÊNCIAS

ABRAMOWICZ, Anete; RODRIGUES, Tatiane Cosentino; CRUZ, Ana Cristina Juvenal. A diferença e a diversidade na educação. *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar*, São Carlos, v.1, n. 2, p. 85-97, jul./dez. 2011.

BRITZMAN, Deborah. Curiosidade, sexualidade e currículo. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 3. Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010, p. 83-111.

_____. Is there a queer pedagogy? Or, stop reading straight. *Educational Theory*, Illinois, v. 45, n. 2, p. 151-165, 1995.

_____. O que é esta coisa chamada amor: identidade homossexual, educação e currículo. *Revista Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 71-96, jan./jun. 1996.

CÉSAR, Maria Rita de Assis. A diferença no currículo ou intervenções para uma pedagogia queer. *Educação Temática Digital*, Campinas, v. 14, n. 1, p. 351-362, jan./jun. 2012.

_____. A (des)educação do corpo. Corpos contemporâneos e lugares de transgressão. *Vivência*, Rio Grande do Norte, n. 35, p. 161-168, 2010.

_____; DUARTE, André; SIERRA, Jamil Cabral. Governamentalização do Estado, movimentos LGBT e escola: capturas e resistências. *Educação*, Porto Alegre, v. 36, n. 2, p. 192-200, maio/ago. 2013.

COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro. Gênero, sexualidade e a teoria queer na educação: colocando em questão a heteronormatividade. *Atos de Pesquisa em Educação*, Blumenau, v. 11, n. 1, p. 250-270, jan./abr. 2016.

_____. *Cibercultura, juventude e alteridade: aprendendo-ensinando com o outro no Facebook*. Jundiaí: Paco Editorial, 2013.

FERREIRA, Helenice Mirabelli Cassino. *Dinâmicas de uma juventude conectada: a mediação dos dispositivos móveis nos processos de aprender-ensinar*. 2014. 272f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

FOUCAULT, Michel. Sexual choice, sexual act. Tradução de James O'Higgins. In: RABINOW, Paul (Org.). FOUCAULT, Michel. *Ethics: subjectivity and truth – the essential works of Michel Foucault 1954-1984*. Volume 1. New York: The New Press, 1997, p. 141-156.

GIVIGI, Ana Cristina (kiki) Nascimento. Sobre obliquidades, ressacas e desvios: um caminho Capitu. SEMINÁRIO INTERNACIONAL AS REDES EDUCATIVAS E AS TECNOLOGIAIS: MOVIMENTOS SOCIAIS E EDUCAÇÃO, 8., 2015, *Anais...*, Rio de Janeiro: UERJ, 2015, 22p.

HALBERSTAM, Judith. Repensando o sexo e o gênero. In: MISKOLCI, Richard; PELÚCIO, Larissa (Orgs.). *Discursos fora da ordem: sexualidades, saberes e direitos*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2012, p. 125-137.

LARSSON, Håkan; QUENNERSTEDT, Mikael; ÖHMANB, Marie. Heterotopias in physical education: towards a queer pedagogy? *Gender and Education*, v. 26, n. 2, p. 135–150, 2014.

LEITE, Miriam. Violência e homofobia na escola. In: CANDAU, Vera Maria (Org.). *Didática crítica intercultural: aproximações*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012, p. 191-215.

LIBÂNEO, José Carlos. *Pedagogos e pedagogia, para quê?* 12. Ed. São Paulo: Cortez, 2010.

LOURO, Guacira Lopes. Teoria Queer – uma política pós-identitária para a educação. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 541-553, 2001.

_____. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

_____. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. *Pro-Posições*, Campinas, v. 19, n. 2, p. 17-23, maio/ago. 2008.

MISKOLCI, Richard. *Teoria queer: um aprendizado pelas diferenças*. 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

_____. Um corpo estranho na sala de aula. In: ABRAMOWICZ, Anete; SILVÉRIO, Valter Roberto (Orgs.). *Afirmando Diferenças: montando o quebra-cabeça da diversidade na escola*. 2 Ed. Campinas: Papirus, 2010, p. 13-26.

_____. A teoria queer e a sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 11, n. 21, p. 150-182, jan./jun. 2009.

_____. Não ao sexo rei: da estética da existência foucaultiana à política queer. In: SOUZA, Luís Antônio; SABATINE, Thiago Teixeira; MAGALHÃES, Bóris Ribeiro (Orgs.). *Michel Foucault: sexualidade, corpo e direito*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, p. 47-68.

PEIXOTO, Leonardo Ferreira. Crianças e discursos sobre os corpos nos cotidianos escolares. *Revista Instrumento*, Juiz de Fora, v. 15, n. 2, p. 211-218, jul./dez., 2013.

POCAHY, Fernando; DORNELLES, Priscila Gomes. Um corpo entre o gênero e a sexualidade: notas sobre educação e abjeção. *Revista Instrumento*, Juiz de Fora, v. 12, n. 2, p. 125-135, jul./dez. 2010.

PRECIADO, Beatriz. *Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual*. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 Edições, 2014.

RIBEIRO, Paula Regina Costa; SOUZA, Nádia Geisa Silveira de; SOUZA, Diogo Onofre. Sexualidade na sala de aula: pedagogias escolares de professoras das séries iniciais do Ensino Fundamental. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 12, n. 1, p. 109-129, jan./abril 2004.

RIBEIRO, Paula Regina Costa; SOUZA, Diogo Onofre. Falando com professoras das séries iniciais do Ensino Fundamental sobre sexualidade na sala de aula: a presença do discurso biológico. *Enseñanza de las Ciencias*, Barcelona, v. 21, n. 1, p. 67-75, 2003.

SEFFNER, Fernando. Um bocado de sexo, pouco giz, quase nada de apagador e muitas provas: cenas escolares envolvendo questões de gênero e sexualidade. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 19, n. 2, p. 561-572, maio/ago. 2011.

SEIDMAN, Steven. Queer pedagogy/queer-ing sociology. *Critical Sociology*, v. 20, n. 3, p. 169-176, out. 1994.

SILVA, Tomaz Tadeu. *Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo*. 3. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

SOARES, Maria da Conceição Silva; MAIA, Vanessa. Imagens efêmeras: sociedade de controle, sexualidade, performatividade e educação. *Revista Informática na Educação: teoria & prática*, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 80-89, jul./dez. 2010.

VEIGA-NETO, Alfredo. *Foucault & a educação*. 3 Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

WARNER, Michael. *The trouble with normal: sex, politics, and the ethics of queer life*. Massachusetts: Harvard University Press, 1999.

Recebido em 27/05/2016
Aprovado em 19/10/2016